

A DISCIPLINA EDUCAÇÃO FÍSICA ADAPTADA NOS CURSOS DE GRADUAÇÃO NO RIO DE JANEIRO

Diego Luz Moura, Universidade Federal do Vale de São Francisco - UNIVASF, Petrolina, Pernambuco - Brasil

Alexandre Jackson Chan-Vianna, Universidade de Brasília - UnB, Brasília, - Brasil

Marcelo Moreira Antunes, Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP, Campinas, São Paulo - Brasil

José Júlio Gavião de Almeida, Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP, Campinas, São Paulo - Brasil

RESUMO

O objetivo deste artigo foi diagnosticar a formação, nas instituições de ensino superior particulares do município do Rio de Janeiro, dos novos profissionais que poderão intervir no esporte adaptado. Utilizamos um questionário adaptado de Silva (2005). Apontamos que os professores da disciplina Educação física adaptada possuem experiência e formação profissional no esporte adaptado, entretanto faltam aulas com atividades “práticas” de intervenção; não existem atividades de extensão e parcerias das instituições de ensino superior com qualquer instituição ligada às pessoas com deficiência. A análise das bibliografias utilizada pelas revela que estas atendem as novas demandas da área. Estes dados indicam por um lado que os professores pesquisados estão buscando uma adaptação de seus conteúdos as novas demandas da sociedade, mas alguns entraves institucionais ainda precisam ser superados.

Palavras-Chave: Educação Física adaptada; Pessoa com deficiência; Instituição de ensino superior.

ADAPTED PHYSICAL EDUCATION DISCIPLINE IN GRADUATE COURSE IN RIO DE JANEIRO

ABSTRACT

The purpose of this article was to diagnose the training, in particular universities city of Rio de Janeiro of new professionals. We use a questionnaire adapted de Silva (2005). The professors of the adapted physical education discipline have experience and training in the sport adapted, however missing classes with activities "practice" of intervention. no extension activities and partnerships of universities any institution connected with the people with disabilities. The analysis of bibliographies used by universities shows that they meet the new demands of the area. These data indicate that on the one hand the teachers surveyed are seeking an adaptation of its contents the new demands of society, but some institutional barriers still need to be overcome.

Key-Words: Adapted physical education; Person with disabilities; Institution of higher education.

LA DISCIPLINA EDUCACIÓN FÍSICA ADAPTADOS EN CLASES DE EDUCACIÓN SUPERIOR EN RIO DE JANEIRO

RESUMEN

O objetivo de este trabajo es para el diagnóstico de la formación, en las universidades privadas en el municipio de Río de Janeiro, los nuevos profesionales que pueden intervenir en el deporte adaptado. Utilizamos el cuestionario adaptado de Silva (2005). Se señala que los profesores de la Educación para Todos tienen experiencia y formación en deporte adaptado, clases con actividades, pero carece de "práctica" de intervención, no hay actividades de extensión y la colaboración con cualquier institución de las instituciones de educación superior vinculados a las personas con discapacidad. El análisis de las bibliografías utilizadas por las universidades que cumplen las nuevas exigencias de la zona. Estos datos indican, por un lado que los profesores encuestados están tratando de adaptar su contenido a las nuevas demandas de la sociedad, pero algunas barreras institucionales que quedan por superar.

Palabras-Clave: Educación Física adaptada; Persona con discapacidad; Centro de enseñanza superior.

INTRODUÇÃO

O ponto de partida deste texto surgiu de observações assistemáticas de um dos autores em uma instalação esportiva de lazer que oferecia atividades esportivas para pessoas com deficiência (PCDs). Neste equipamento era costume receber alunos do curso de educação física para realizar estágio nas diferentes modalidades esportivas adaptadas.

Quando os alunos oriundos do curso de graduação em educação física, geralmente formandos, chegavam a este equipamento tínhamos o costume de apresentar as instalações e conversar para diagnosticar o nível de conhecimento sobre a Educação Física Adaptada (EFA). Durante a conversa, percebíamos que os alunos argumentavam com grande propriedade sobre as questões relacionadas aos direitos das PCDs no campo educacional, social e de trabalho. Possuíam um discurso sofisticado sobre a inclusão social e clareza sobre as causas e características das principais deficiências e síndromes. Entretanto, para nossa surpresa, quando iniciavam o período de estágio demonstravam pouquíssimos recursos sobre o ensino das modalidades e fundamentos esportivos. Por vezes éramos interpelados com questões do tipo: como ensinar o aluno com deficiência visual a nadar? Como fazer para ensinar o usuário de cadeira de rodas a pegar a bola no chão, sem ter que parar com a cadeira?

O permanente contato com casos deste tipo nos fazia questionar sobre a formação profissional em educação física, com destaque aos conhecimentos sobre a EFA. Por um lado entendemos que o profissional de Educação Física possui um espaço ampliado de atuação no mercado de trabalho, pois além de atuar nos segmentos escolares do ensino infantil, fundamental e superior, ainda tem a possibilidade de intervenção em diversos segmentos como academias, hospitais, clubes, empresas, atividades esportivas específicas, atividades lúdicas e outras.¹ Este ampliado campo de atuação necessita e aponta reformulações no currículo da formação do professor de educação física, para que o egresso possa atender satisfatoriamente as demandas sociais existentes. Neste contexto, Lovisolo² ao analisar o currículo da formação do professor de educação física afirmou que o professor desta disciplina suporta um currículo que vai desde as ciências biomédicas, passando pela filosofia, sociologia, antropologia, história até as teorias da educação, entre outras áreas interdisciplinares. Lovisolo² definiu o profissional de Educação Física como

um bricoelur¹, pois em sua intervenção deve construir arranjos com conhecimentos distintos. Portanto, refletir sobre o processo de formação profissional dos futuros professores de educação física é uma preocupação necessária, que deve ser valorizada.

Sobre a nossa questão motivadora, tínhamos a impressão que as IES poderiam estar encontrando entraves para a formação e socialização dos conhecimentos relativo a EFA. Inicialmente possuíamos duas hipóteses que poderiam estar articuladas. Uma delas era que os professores não tinham experiência em EFA e a outra era que as aulas de EFA nas IES não possuíam espaços de experimentação do ensino das modalidades esportivas como nas outras disciplinas esportivas e pedagógicas do currículo. Desta forma, o objetivo deste artigo é diagnosticar a formação nas IES particulares do município do Rio de Janeiro.

METODOLOGIA

Esta pesquisa utilizou uma abordagem qualitativa do tipo documental que é aquela que vale-se de materiais que não receberam ainda um tratamento analítico, ou que ainda podem ser reelaborados.³

O instrumento de coleta de dados foi um questionário adaptado de Silva.⁴ Delimitamos a pesquisa apenas nas IES particulares por dois motivos: a) restringir a amostra da pesquisa e; b) os pesquisadores possuíam facilidade de acesso e contato com os docentes responsáveis. Ressaltamos que foram tomados todos os procedimentos éticos, apresentados aos informantes o termo de consentimento livre e esclarecido para que os mesmos assinassem e concordassem em participar voluntariamente do estudo, observando assim as normas para pesquisa com seres humanos expostas na Resolução nº466/12 do Conselho Nacional de Saúde.

No momento existiam sete instituições particulares com curso de educação física na cidade do Rio de Janeiro. Enviamos os questionários para os professores que ministravam a disciplina de EFA nas IES particulares. Após contatos repetidos, não tivemos retorno de alguns, em outros casos os emails retornaram e um dos docentes estava afastado da IES no momento da pesquisa. O número total de respondentes foi de três docentes, sendo que um

¹ Bricoleur – figura de Levi Strauss, que a partir de fragmentos de antigos objetos, constrói um novo no qual suas marcas não desaparecem.

deles atuava nesta disciplina em duas IES diferentes, de modo que quatro IES particulares participaram da pesquisa. Na apresentação dos dados os informantes do estudo são identificados pelas letras 'A', 'B' e 'C' de modo a preservar suas identidades. O questionário foi aplicado aos professores que ministravam esta disciplina entre junho e dezembro de 2006.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Neste item apresentamos os resultados da coleta de dados originados nas respostas do questionário fornecido pelos docentes que ministram a disciplina de EFA nas IES particulares do Rio de Janeiro. Começaremos pelos dados institucionais do grupo de docentes que participaram da pesquisa.

Quadro 1 – Dados institucionais

Docente	Tempo de atuação da disciplina EFA	Possui especialização em EFA	IES
A	14 anos	Sim	1
B	2 anos	Sim	2
C	4 anos	Não	3
			4

Podemos perceber que os docentes B e C atuam ministrando a disciplina de EFA em um período relativamente curto, quando comparado ao docente A. Não queremos apontar que apenas o docente A está preparado para atuar com esta disciplina ou que o tempo de experiência é um elemento fundamental para garantir um ensino de qualidade, até mesmo porque o tempo de experiência pode criar um efeito contrario à qualidade. Entretanto, apresentaremos outros dados, que junto a estes, formularão algumas questões para se pensar o campo.

Para Duarte⁵ estar preparado para atender a demanda do campo da atividade motora adaptada passa inicialmente pela formação acadêmica, que se dá em vários níveis, tais como na graduação, na especialização e nos cursos de pós-graduação *strictu sensu*. Essa formação é de importância vital para o entendimento do objeto a ser trabalhado, portanto se torna pré-requisito para atuação neste campo, seja como docente, seja como técnico.

Questionamos os docentes sobre a participação em eventos científicos da área, os docentes afirmaram participar de eventos científicos sobre EFA regularmente, conforme apresentado no quadro abaixo.

Quadro 2 – Participação dos docentes em eventos científicos

Docente	Frequência	Tipo de participação
A	Mais de uma vez por ano	Como ouvinte e apresentando trabalhos
B	Uma vez por ano	Como ouvinte e apresentando trabalhos
C	Mais de uma vez por ano	Apresentando trabalhos

Podemos perceber que os docentes pesquisados relatam participar de eventos científicos na área de EFA periodicamente, não apenas participando dos debates como ouvintes, mas também participam construindo e divulgando conhecimento na área. Todos os pesquisados participam apresentando trabalhos.

Os docentes afirmaram que foi a experiência de trabalho diretamente com este público que estimulou a inserção como docente da disciplina de EFA nos cursos de ensino superior. Os docentes tiveram experiência com PCDs em vários segmentos diferentes tais como, escola, treinamento, iniciação esportiva e equipes de competição. Pedimos exemplos de algum tipo de intervenção em projetos de pesquisa que os docentes atualmente realizam nas IES. No Quadro 3 podemos identificar o vínculo dos docentes na intervenção direta com indivíduos com algum tipo de deficiência em projetos de pesquisa.

Quadro 3 – Experiência dos docentes com a prática profissional da EFA

Docentes	Tempo de atuação diretamente com pessoas com deficiência	Ligação com algum tipo de projeto de pesquisa
A	Acima de 4 anos	Realizando dissertação de mestrado nesta área.
B	Acima de 4 anos	Pensando a qualificação profissional
C	De 2 a 4 anos	A melhoria da espasticidade através do jogo de bocha para o paralisado cerebral

Os dados do Quadro 3, demonstram como que os docentes procuram aliar a atuação profissional de intervenção com a de docente na área do conhecimento estudada. É importante observar que os esforços de projetos de pesquisa apresentados pelos docentes está ligado a empreendimentos individuais como o caso do docente A, que no momento da pesquisa estava realizando mestrado com temática referente a EFA e o docente B que relatou estar pensando na qualificação. Apenas o docente C apontou uma intervenção ligada especificamente com as PCDs.

Segundo o relato dos docentes existe uma extrema dificuldade de realizar projetos de pesquisa de qualquer disciplina nas IES particulares devido a alta burocracia, a falta de verba e de pessoal. Não existe qualquer tipo de projeto de pesquisa ou de extensão vinculado a disciplina EFA nas IES, o que mostra que para ocorrer atividades ligadas a EFA nas IES particulares é necessário que um professor assuma a atividade sem qualquer financiamento, patrocínio ou reembolso de hora-aula. Outro ponto seria a dificuldade de organizar e conduzir os alunos para os locais como associações ou clubes que atuam com PCDs. Nesse sentido Duarte⁵ aponta para poucas instituições de ensino superior que desenvolvem pesquisas no campo da atividade motora adaptada, reforçando a dificuldade relatada pelos informantes.

Entretanto, de acordo com Nunes, Ferreira e Mendes,⁶ nos últimos dez anos houve um aumento significativo da produção acadêmica sobre o tema, principalmente na área da psicologia e educação. Esse movimento também pode ser verificado na educação física, suportado pelos programas de pós-graduação das IES UFRGS, Unesp, USP, Unimep, e UFSC com produções de programas não específicos da área da educação física adaptada, e pela Unicamp com um programa voltado especificamente para atividade motora adaptada.⁵

Todos os docentes afirmaram que realizam, na medida do possível, visitas em diferentes instituições que atendem pessoas com deficiência. Nestas oportunidades, os alunos, supervisionados pelo docente, ministram aulas de alguma atividade ou modalidade esportiva com os próprios alunos do curso (sem deficiência) com o objetivo de possibilitar a vivência de maneira prática, a experiência com o conhecimento desenvolvido nas aulas. Uma espécie de simulação de aulas com as PCDs. Embora nestas instituições realizem

atividades ligadas ao ensino, ratificamos que as IES particulares pesquisadas não possuem projeto de extensão vinculado a EFA com atendimento á comunidade do tipo parceria.

De fato, há que se ressaltar a existência de uma lacuna no campo acadêmico da EFA e na educação física como um todo no que se refere aos materiais acadêmicos de caráter instrumental. Há poucos subsídios que auxiliam no exemplo de atividades e exercício para o aprendizado de habilidades. Mas, se por um lado este dado nos permite compreender o fato das poucas aulas práticas, por outro lado, ele confere mais responsabilidade aos docentes que deveriam capacitar os alunos para que estes pudessem atuar com a EFA de maneira plena.

Perguntamos se os docentes já haviam ministrado cursos e/ou palestras sobre a EFA, todos responderam afirmativamente. No Quadro 4 é possível visualizar a natureza destas comunicações.

Quadro 4 – Participação dos profissionais como palestrantes

Docentes	Profissionais atendidos	Objetivo
A	Diversos	Informativos e capacitação
B	Estudantes de pedagogia	Inclusão social, legislação e formação profissional
C	Estudantes de Educação Física	Curso de pós-graduação

De acordo com os dados, podemos indicar que os docentes destas IES pesquisadas são geralmente convidados para realizar palestras sobre a temática de EFA e esporte adaptado. Os cursos e palestras não são apenas para os profissionais da Educação Física, mas também para profissionais de outras áreas e campos científicos e profissionais.

Estes dados isoladamente não podem indicar uma tendência, mas observando um cruzamento de todos os quadros apresentados sobre a relação entre a disciplina de EFA e a participação destes profissionais com o esporte adaptado, seja na intervenção ou no fazer acadêmico, suscita uma questão sobre o perfil dos profissionais que atuam nessas disciplinas. Será que pelo caráter de menor tradição da disciplina de EFA nos cursos de educação física e por ser uma área nova de expansão no mercado de trabalho, bem como,

pela crescente exigência de titulação em cursos de pós-graduação para ingressar nas IES, a disciplina de EFA sendo ocupada por professores com pouca experiência no campo?

Por outro lado, a análise dos dados sobre bibliografia adotada apontam para a crescente consolidação da disciplina, nos cursos de educação física. O estudo de Silva,⁴ ao pesquisar os docentes das IES de Campinas, apontou que uma parte das bibliografias indicadas pelos docentes para o planejamento da disciplina EFA não condiziam com a especificidade da área. Solicitamos aos docentes as principais bibliografias utilizadas nas IES particulares pesquisadas. No Quadro 5, podemos verificar as bibliografias recomendadas pelos docentes pesquisados.

Quadro 5 - Bibliografia indicada pelos docentes como referências básicas ao estudo da EFA

Docentes	Bibliografia indicada
C, A	CARMO, A. A. Deficiência física: a sociedade brasileira, cria, recupera e discrimina. Brasília: Secretaria dos Desportos, 1991.
B, A	CASTRO, E. M. Atividade física adaptada. São Paulo: Tecmedd, 2006.
A	SCHIAVONE, O. De volta à vida. Salto: Do Autor, 1995.
C, A	GORGATTI, M. G; COSTA, R. F. Atividade física adaptada. São Paulo: Manole, 2005.
C	BRASIL. Ministério do Esporte e Turismo. Lazer, atividade física e esporte para portadores de deficiência. Brasília: SESI-DN, 2001.
B	MONTOAN, M. T. E. (Org.). A integração de pessoas com deficiência: contribuições para uma reflexão sobre o tema. São Paulo: Memnon/SENAC, 1997.
C	PEDRINELLI, V. J. et al. Educação Física e esporte para pessoas portadoras de deficiência. Brasília. SESI/SEDES/MEC, 1994.
C, A	ROSADAS, S. C. Atividades físicas adaptadas e jogos esportivos para deficientes: eu posso vocês duvidam? Rio de Janeiro: Atheneu, 1988.
A	LUCENA, R. Longo caminho de volta. 4. ed. Brasília: CORDE, 1994.
A	RIBAS, J. O que são pessoas deficientes. São Paulo: Brasiliense, 1986.
A	ADAMS, R. C. et al. Jogos, esportes e exercícios para o deficiente físico. 3. ed. São Paulo: Manole, 1985.
A	QUEIROZ, M. A. Sopro no corpo. São Paulo: Círculo do Livro, 1990.
A	FERREIRA, S. L. Aprendendo sobre a deficiência mental. São Paulo: Memnon, 1998.
C, A	ROSADAS, S. C. Educação Física e prática pedagógica: portadores de deficiência mental. Vitória: Ed. da UFES, 1994.
A, B	SASSAKI, R. K. Inclusão. São Paulo: WMA, 2002.
C	SHERRILL, C. Adapted Physical activity, recreation and sport, crossdisciplinary and lifespan. 5 ed. Dubuque: MacGraw-Hill, 1998.
C, B, A	WINNICK, J. P. Educação Física e esportes adaptados. São Paulo: Manole, 2004.

Com base nas referências oferecidas pelos docentes, observamos que apenas um único livro é utilizado por todos. Entretanto, existem outras concordâncias entre as indicações.

Os três docentes apontam literaturas ligadas as temáticas da inclusão social e história do esporte adaptado. Um fato interessante foi que o tipo de literatura, apontada pelo docente A. Apresentou livros de relato de alguns intelectuais que possuem deficiência e que descrevem sua experiência de superação para a adaptação na sociedade e denunciam os preconceitos com as PCDs. Estes dados se contrapõe ao estudo de Silva,⁴ no que se refere a bibliografia indicada, na medida em que mostra que a literatura apontada dos docentes das IES particulares do Rio de Janeiro possuem uma coerência do material bibliográfico com a especificidade da área.

Podemos observar duas tendências que podem ser exploradas nas próximas pesquisas. Primeiro, o surgimento e utilização de uma bibliografia mais específica dos assuntos da deficiência. A segunda, a circulação deste material pelas IES e sua recorrência em alguns títulos, já apresentando alguma identidade na área.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nos resultados desta pesquisa, podemos verificar que os docentes da amostra pesquisados relataram possuir formação específica e/ou experiência profissional no esporte adaptado. Entretanto, no cruzamento dos dados de suas ações no campo, podemos notar que esta experiência está mais voltada para dentro do círculo acadêmico, do que para as intervenções na sociedade, o que aponta para um descompasso na práxis desses profissionais.

De um modo geral, as aulas ministradas não possuem atividades práticas, apenas uma visita a alguma entidade de deficientes. Este dado nos sugere que, se ao contrário da tradição das outras disciplinas esportivas e pedagógicas que priorizam as atividades práticas sobre as teóricas, a disciplina de EFA opta por um conteúdo de “sala de aula”, podemos supor que, os professores se ressentem de maior afinidade com o seu objeto de ensino ou ainda não encontraram uma fórmula adequada para simular vivências adaptadas para alunos, em sua maioria, sem deficiência. Novamente sugerimos que disciplina de EFA deve estar mais vinculada com o campo acadêmico que com o estado da arte – o campo da intervenção e do fazer pedagógico. Estes dados apontam para a confirmação da nossa primeira hipótese.

Os docentes possuem engajamento na discussão da área e produzem conhecimentos na medida em que participam de eventos como palestrantes. Outro dado interessante é a participação dos docentes nos cursos e encontros de outros campos do conhecimento, o que mostra que estes profissionais estão sendo reconhecidos pela participação junto aos grupos que se preocupam com as questões do deficiente. O dado de que os professores indicarem a bibliografia específica da área, de certa forma reafirma este fato. É relevante destacar que, considerando nossa hipótese da falta de vivência dos professores com a intervenção pedagógica na EFA e a condição de empregabilidade nas IES, os professores dessa disciplina têm buscado esforços e conquistado vitórias no crescimento desta disciplina no currículo da educação física, a partir de onde possuem instrumentos de ação – a produção acadêmica.

Uma constatação preocupante refere-se à falta de apoio das IES as atividades de extensão e parcerias com entidades específicas de atendimento ao deficiente. Entretanto os docentes realizam pesquisas individualmente. As parcerias poderiam aproximar a comunidade da Universidade, uma oportunidade em que todos sairiam ganhando. Os docentes e os alunos aprofundariam os conhecimentos teóricos e teriam a oportunidade de colocar estes conhecimentos em situações reais, por extensão, a comunidade estaria recebendo um atendimento privilegiado e permanente.

Verificamos como essa reduzida amostra exploratória, que a disciplina de EFA nas IES particulares do Rio de Janeiro ainda se ressentem de propostas pedagógicas que valorizem a prática de ensino com alunos com deficiência, mas se encontra em coerência no que diz respeito ao conteúdo teórico ministrado. O mais significativo, no entanto, é perceber como parte dos docentes é comprometida com a melhoria do conhecimento nesse campo. Este fato reflete uma esperança positiva de todos aqueles que reconhecem, na intervenção profissional de qualidade, uma possibilidade de aquisição de valores e construção de um novo estilo de vida. Ao entenderem a EFA e o esporte para-olímpico como uma forma de superação, perseguem a tão proclamada inclusão social. Entretanto é necessário ressaltar que muito ainda falta.

REFERÊNCIAS

¹GHIRALDELLI JUNIOR, P. **A Educação física progressista: a pedagogia crítico-social dos conteúdos e a Educação Física brasileira.** São Paulo: Loyola, 1988.

²LOVISOLO. H. **A arte da mediação.** Rio de Janeiro: Sprint, 1995.

³GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

⁴SILVA, R. F. **A ação do professor de ensino superior na Educação Física adaptada: construção mediada pelos aspectos dos contextos históricos, políticos e sociais.** 2005. 158 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.

⁵DUARTE, E. A formação do profissional em atividade motora adaptada. In: MENDES, E. G.; ALMEIDA, M. A.; WILLIAMS, L. C. A. (Org.). **Temas em educação especial: avanços recentes.** São Carlos: Ed. da UFSCar, 2004. p. 339-342.

⁶NUNES, L. R. O. P.; FERREIRA, J. R.; MENDES, E. G. A produção discente da pós-graduação em educação e psicologia sobre o indivíduo com necessidades educacionais especiais. In: MENDES, E. G.; ALMEIDA, M. A.; WILLIAMS, L. C. A. (Org.). **Temas em educação especial: avanços recentes.** São Carlos: Ed. da UFSCAR, 2004. p.131-142.